

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2011 - ANO XIV - Nº 170

Fotos arquivo Pro-Memória

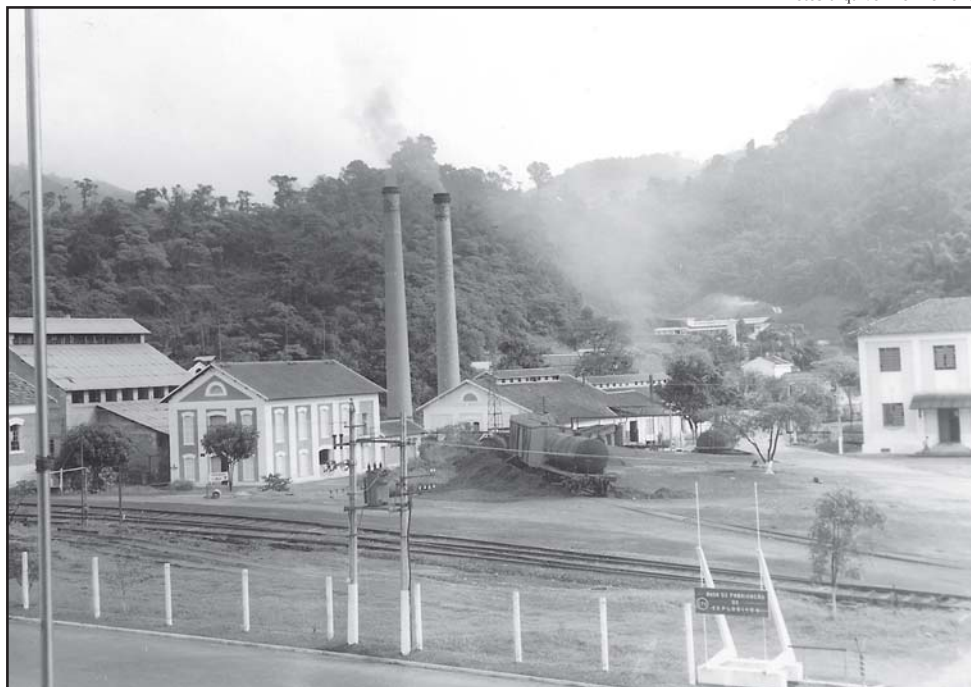
EDITORIAL

Assinalamos neste mês de março o transcurso de mais um aniversário de fundação da FPV. A ideia da criação de uma fábrica de pólvora sem fumaça no Brasil remonta ao ocaso do século XIX. Fazia parte de um amplo projeto elaborado pelo Marechal Mallet, Ministro da Guerra do Governo de Campos Sales, para modernizar nossas Forças Armadas. Após estudos, o local escolhido para instalação dessa indústria bélica recaiu no município de Piquete. Concorreu para isso a riqueza de água, a exuberância de suas matas e o perfil topográfico de seus terrenos.

Foi, portanto, com festas, que os piquetenses receberam, em 1902, o Ministro da Guerra com a notícia da construção dessa indústria. Vislumbavam dias melhores com a geração de empregos e o crescimento e desenvolvimento da cidade.

Em julho de 1905, sob o comando do Tenente Coronel Sisson, instalou-se em Piquete a Comissão Construtora da Fábrica. Em tempo recorde edificaram um complexo fabril que, no dia 15 de março de 1909, foi inaugurado pelo Presidente da República Afonso Pena.

Num olhar retrospectivo, nesses 102 anos de história constatamos que a Fábrica exerceu e ainda exerce influência marcante na vida do município. Hoje, como no passado, existe uma simbiose entre ela e a população, pois é rara a família de Piquete cujos pais ou avós não foram seus operários. Logo no início das obras de sua construção, os homens em idade adulta em Piquete passaram a ser incorporados a suas fileiras produtivas trabalhando desde a construção da estrada-de-ferro e oficinas até os galpões e prédios administrativos, e mais tarde na edificação de vilas operárias, hospitais, cinemas e clubes recreativos. Pertencer aos quadros de produção da Fábrica proporcionava aos cidadãos de Piquete um respeitável escalonamento social. Afinal, havia um salário e garantias para se alugar uma casa e constituir família. É sempre bom lembrar que todos os marcos urbanos significativos na cidade foram edificados pela Fábrica. É impossível imaginar a cidade sem sua Fábrica. Por isso, todos os anos, em 15 março, devemos voltar nossos olhos reverentes para o passado e constatar que foi a partir do início das obras militares no município que um movimento sem precedentes, que empolgou a todos e lançou as bases de uma poderosa indústria bélica, mudou o seu rumo e seu destino. Parabéns FPV!



Ao longo de sua história a FPV sempre se preocupou com a preservação de seu fragmento de Mata Atlântica. Contribuiu, assim, para mitigar os efeitos do aquecimento global. Foto da década de 1940.

Fraternidade e a Vida no Planeta

Na Quarta-feira de Cinzas, a Igreja Católica no Brasil iniciou a Campanha da Fraternidade 2011, com o tema “Fraternidade e a Vida no Planeta” e o lema “A criação geme em dores de parto” (Romanos 8, 22). A Campanha da Fraternidade ajuda os fiéis a viver melhor o tempo quaresmal, que iniciou, em toda a Igreja, no dia 9 de março.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio da Campanha da Fraternidade propõe, a cada ano, um itinerário evangelizador voltado para a conversão pessoal e comunitária, em preparação à Páscoa. A iniciativa floresceu durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), e desde então os temas sociais apresentados refletem o papel da Igreja junto à sociedade.

Neste ano a Campanha da Fraternidade nos convida a uma reflexão sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas. A temática decorre da preocupação da Igreja em despertar nas pessoas a consciência ambiental, tendo em vista as intempéries climáticas que assolam populações.

O objetivo central deste ano é “contribuir para a conscientização das comunidades cristãs e pessoas de boa vontade sobre a gravidade do aquecimento global e das mudanças climáticas, e motivá-las a participar dos debates e ações que visem enfrentar o problema e preservar as condições de vida no planeta”.

As mudanças climáticas estão cada dia mais agressivas. A natureza está sendo destruída, e a Igreja, imbuída da missão de evangelizar, procura levar a Luz de Deus às situações que impliquem sofrimento, dor e

morte.

O ser humano está no centro da criação, mas Deus não o criou sozinho. Ele é um ser chamado à cooperação e à solidariedade para com seus irmãos e para com os seres da natureza. Suas realizações, construções e mesmo sua procriação devem dar continuidade à obra de Deus.

Se, por um lado, o progresso científico e econômico, político e social da modernidade trouxe contribuições à humanidade, de outro, introduziu muitas situações que atentam contra a vida em sua dimensão planetária. A criação geme diante da deterioração do meio ambiente, da exploração descuidada e, em muitos casos, gananciosa dos recursos naturais. A conscientização de que cada um é parte do problema deve reverter na convicção de que a contribuição pessoal pode concorrer para diminuição das emissões dos gases de efeito estufa.

O aquecimento global é uma mudança climática que traz consigo vários desdobramentos. A temperatura futura do planeta e a biodiversidade hoje ameaçada vão depender do nosso modo de produzir, consumir e agir. Neste sentido, é preciso reaprender a conviver com a Terra e com todos os seres vivos, reafirmando atitudes que não comprometam a vida no planeta.

Que a Campanha da Fraternidade deste ano nos faça compreender e vivenciar o cuidado com a criação de Deus, acreditando em uma sociedade que vise o crescimento e o desenvolvimento, sem destruir o meio ambiente, para “que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (João 10, 10).

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Grupo de funcionários aposentados, em 1958. Ao centro, o Coronel Ário R. Ribas, o Tenente Coronel Carlos Mário Tabert e o Tenente Coronel Leônidas de Salles Freire, Diretores Técnico e Administrativo.

O Dia do Aposentado da FPV

Todos os anos, ao comemarmos o aniversário de inauguração da FPV, nossos pensamentos se voltam para os operários que, com determinação e garra, se lançaram à gigantesca tarefa de construí-la em tempo recorde. Esses homens deram provas inequívocas de força, desprendimento e amor ao trabalho, servindo de exemplo às gerações que os sucederam. Seria difícil enumerar todos que deram um pouco ou tudo de suas existências em prol de seu progresso ao longo de mais de um século.

Piquete sempre manteve íntima relação com essa indústria bélica. A instalação da Fábrica no município proporcionou-lhe crescimento e desenvolvimento. Ela foi responsável por alavancar a cidadezinha até então estagnada, sem perspectiva de futuro, condenada à insolvência por falta de alternativas. Desde o início de sua construção, a Fábrica gerou empregos e rendas para piquetenses dando-lhes principalmente status de funcionário público federal.

Para homenagear antigos servidores, em 9 de maio de 1956, durante a administração do Coronel Octávio Coelho da Silva, foi instituído o “Dia do Aposentado da FPV”. Esta iniciativa mereceu unânime simpatia por parte dos operários. Foi uma significativa homenagem prestada àqueles velhos funcionários que, desde a aposentadoria, pareciam alijados da memória de seus chefes.

A data de 15 de junho escolhida para essa efeméride foi a do aniversário natalício do Mestre João Monte Claro, – funcionário que durante quase meio século serviu nessa Fábrica, legando aos seus colegas o exemplo edificante de servidor de escol.

Para comemorar essa data, no primeiro ano de sua instituição, a Direção da Fábrica expediu convites especiais a todos os aposentados residentes em Piquete e Lorena. Num trem especial foram transportados de Lorena à Fábrica, sendo recebidos por uma comissão de funcionários que os conduziu ao gabinete do Diretor. Nessa oportunidade, o Cel. Octávio Coelho da Silva reviveu com os velhos servidores tempos idos, quando com eles servira como tenente e capitão.

Após um ligeiro passeio pela zona fabril e o simbólico picote do cartão na “Casa do Ponto”, feito por todos os ex-funcionários, foi-lhes servido um almoço, no qual tomaram parte o Coronel Diretor; o Major Alberto Lessa Bastos, Subdiretor Administrativo e o Tenente Claudino Ferreira de Barros, Secretário.

Em seguida ao almoço, que transcorreu num ambiente de cordialidade, o Cel. Coelho saudou os aposentados com um improviso que os comoveu. Agradecendo-lhe a homenagem, fizeram uso do microfone os aposentados José Luiz Pereira e José Alves Beraldo, que teceram louvores à iniciativa

do Diretor.

Agradecendo as homenagens tributadas à memória do Mestre Monte Claro, falou sua neta, Célia Monte Claro.

Entre os aposentados presentes nessa confraternização estava Francisco Peixoto, com 92 anos, que, apesar da idade, não deixou de anuir ao convite para rever a Fábrica e sua antiga oficina de trabalho.

À despedida, ao ver partir o trem de volta conduzindo os seus velhos camaradas, disse o Coronel Diretor: “A expressão de alegria estampada na face desses velhos batalhadores, muitos dos quais conheci ainda na pujança de suas forças, alimentando de pirita os fornos da instalação de ácido sulfúrico(...) foi um grande prêmio que hoje recebi”.

Por muitos anos o Dia do Aposentado da FPV foi comemorado. Nessa ocasião, a estreita relação entre memória e trabalho era fortalecida com a presença dos antigos funcionários se confraternizando. A festa foi uma verdadeira celebração à amizade, à convivência, ao companheirismo, à vida. Uma oportunidade de rever amigos, saber sobre cada um, atualizar conversas, lembrar momentos do tempo em que trabalharam juntos.

Foi bom encontrar amigos com os quais trabalharam a vida inteira, sempre lado a lado, prestando solidariedade em todos os momentos.

GENTE DA CIDADE

Elza Bittencourt

Muitos ex-alunos do antigo Departamento Educacional da FPV se recordam da professora de Educação Física Elza Bittencourt. Por muitos anos ela foi responsável por estimular nos alunos o gosto pelos esportes e pela ginástica. Orgulhosa de seu trabalho, quando fala dos anos em que lecionou percebe-se que a função cívica esteve sempre presente no seu dia-a-dia. Desenvolveu com seus alunos atividades de ginástica (corridas, saltos) e jogos de vôlei e basquete. Naquela época, saber cantar o Hino Nacional, ficar na posição de sentido eram cobrados dos alunos pelos professores de Educação Física, que tinham também a função de prepará-los para apresentação de ginástica na Semana da Raça, além de ensaiá-los para os desfiles de 7 de Setembro e do aniversário da Fábrica.

A trajetória de vida da professora Elza Bittencourt é bastante curiosa. Ela foi uma das primeiras professoras formadas em Piquete licenciada para lecionar Educação Física. Seu amor pelos esportes vem da época em que foi aluna do recém-criado Departamento Educacional da FPV. Por dois anos cursou a Escola Industrial Feminina, criada em 1943, onde o estímulo aos esportes fazia parte da formação dos jovens. Participou dos times de basquete e vôlei. Dois anos depois, com a criação do Ginásio da FPV, para ele ela se transferiu. Desse período guarda agradáveis recordações: do Diretor Prof. Lutgardes de Oliveira que, além da competência administrativa, lecionava Matemática; dos professores Laércio de Azevedo, Pedro Mazza, Edith Cantão, Osiris de Araujo... Participou de diversas competições esportivas tanto na cidade quanto na região, além dos Jogos Abertos do Interior, quando os atletas do Departamento Educacional voltavam cheios de medalhas. Concluiu o Ginásio em 1949, matriculou-se na Escola Normal Livre "Duque de Caxias". Ela fez parte da primeira turma de professorandos, colando grau em 26 de dezembro de 1952. Recorda-se com carinho do Prof. Leopoldo, Diretor da Escola Normal, e dos professores Ricarda Godoy, José Geraldo Evangelista, Maria Antonieta de Azevedo, Hilton Ênio de Castro Andrade, Pedro Mazza, Helvécio Rossi, Carmélia Bittencourt... e dos colegas de turma Olga Eklund, Terezinha Maduro, Dóli de Castro Ferreira, Odaísa Frota, Francisco Máximo Ferreira Netto, Joracy Faury, Risoleta Aquino... A



Escola Normal era modelo. Seus alunos eram respeitados. Futuros professores, desfiliavam garbosos para orgulho dos familiares. Ter um filho professor era motivo de muita satisfação. Com saudade refere-se ao seu baile de formatura, que aconteceu no "Elefante Branco, recém-inaugurado".

Formada professora, Elza Bittencourt foi lecionar, em 1954, em Alfredo Marcondes, Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, onde permaneceu por dois anos. Como havia falta de professora de Educação Física no Departamento Educacional da FPV, foi comissionada para lecionar na Escola Industrial e no Ginásio da FPV, a convite do Prof. Leopoldo. Nessa época ela e os professores Ciro Areco e Edinardo Areco fizeram curso de Educação Física em São Paulo, onde prestaram provas de aptidão. Elza se recorda de que preparava seus alunos para jogos, desfiles, competições, além de cuidar de suas fichas antropométricas: eram medidos e pesados mensalmente para se acompanhar seu desenvolvimento. Com a criação do Ginásio Estadual de Piquete, ela abdicou do comissionamento, passando a lecionar nessa escola. Paralelamente lecionou na Escola Francisco Prudente de Aquino, em Lorena. Em 1982 aposentou-se.

Elza Bittencourt nasceu em 18 de julho de 1930. Filha de Godofredo Bittencourt e Laura Alves Bittencourt, é uma dos cinco filhos do casal. Fala com carinho da família, de sua infância e juventude passadas em Piquete, e de sua vida como aluna e depois como professora de Educação Física do Departamento Educacional da FPV. Embora resida em Lorena, nutre por Piquete especial carinho.



Notas da Cidade

✓ FCR no CBH-PS

Aconteceu no dia 26 de fevereiro, no Departamento de Águas e Energia Elétrica DAEE, em Taubaté, a eleição para escolha dos representantes da sociedade civil que farão parte do Comitê de Bacias do Paraíba do Sul CBH-PS no biênio 2011/2013. Foram escolhidas como titular as seguintes entidades:

Escola de Engenharia de Lorena (EEL-USP): representando as Universidades e Entidades de Pesquisas; **Sindicato Rural de Paraíbauna:** representando os Usuários Agrícolas; **Associação Recreativa Comunitária da Vista Alegre,** de Cruzeiro: representando as Associações de Moradores; **CIESP-Jacaré:** representante dos Usuários Industriais; **CIESP-Regional de São José dos Campos:** representante dos Usuários Industriais; **Fundação Christiano Rosa,** de Piquete: representando as Entidades Ambientais; **IEPA - Instituto Ecológico de Proteção Animal,** de Caçapava: representando as Entidades Ambientais; **ABES – Associação Brasileira de Engenharia Sanitária,** de São José dos Campos: representando Associação Especializada em Recursos Hídricos; **Associação Profissionais de Engenharia, Agricultura e Agro-nomia,** de Pindamonhangaba: representando Entidades de Classe de Trabalhadores na Área de Engenharia; **OAB Guaratinguetá:** representando Entidades de Classe de Advogados; **SINDAREIA,** de Jacaré: Representando Entidades Mineradoras; **ROTARY Clube,** de Taubaté: representando Clubes de Serviço;

✓ FPV - 102 anos

No dia 15 de março, aniversário da FPV, foi celebrada nas dependências dessa indústria bélica uma missa em ação de graças pelo pároco Padre Zezinho, da Paróquia de Santo Antônio. Houve também culto evangélico.

Também em comemoração aos 102 anos da FPV, aconteceu, no dia 25 de março, sexta-feira, no Clube Recreativo da Estrela um movimentado jantar dançante.

Em 03 de abril acontecerá, ainda, a **Trilha dos 102 Anos.** As inscrições, a partir das 8h, acontecerão em frente ao Cassino da Estrela, onde acontecerá a largada.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Souvenir, a boneca

Souvenir é o nome da linda boneca de biscuit (uma porcelana especial) que pertenceu à minha avó. Boneca produzida artesanalmente com arte e esmero europeu. Sua cabeça é de fino lavor, os cabelos naturais, os olhos brilhantes e a autenticidade de produção garantida. O símbolo usado pelo artista encontra-se gravado na parte posterior da cabeça, logo abaixo da nuca.

Boneca importada de Paris, mas, com toda certeza, de origem belga, cuja produção era feita por unidade, não em série, e sem utilização de processo mecânico.

A cabeça, os braços e as pernas da porcelana biscuit encaixados, por molas, ao corpo composto de material tecido e estofado, na forma estabelecida para corpos de forma humana.

Souvenir fez as alegrias da fazendeira em seu primeiro casamento. Chegou a ela com enxoval de linho guarnecido de rendas e bordados. Tudo europeu, de qualidade.

Uma festa foi celebrada para “batizá-la” e apresentá-la socialmente. Foram programados jantar e baile, com dança da quadrilha, ao estilo das tradições da Corte e de etiqueta.

Minha avó a recebeu como “filha diletta”, pois ainda não tivera filhos. Lembrei-me especialmente dela pela crônica familiar repetida para nosso deleite, nós os netos que não conheceram a avó, mas dela guardam delicado imaginário fundado na figura bonita e delicada, de pele muito clara

e olhos azuis. Não convivemos com ela, pois morreu muito cedo. Nem fotografia existe dela. Temos, entretanto, muitas saudades, e um eterno preto de admiração.

Dos netos, eu, que sou a mais velha, fui privilegiado bebê, com seu toque e aconchego. Levada a visitá-la, recebi um presente precioso. Mas o contato foi pequeno. Seu toque suave me acompanha, anima e inspira.

A lembrança contida nesta memória foi especialmente suscitada pela leitura de um belo romance de Cornélio Penna “**A menina morta**” – um clássico de nossa literatura. Trata-se de história centrada nas fazendas antigas e historicamente destacadas no nosso Vale do Paraíba. Ler essa obra remete-nos ao passado que nos impregna para definir uma sociedade e seus costumes, em que a herança portuguesa está muito viva. As fazendas dos grandes salões, dos candelabros, dos assoalhos de tábuas largas, dos oratórios, das muitas janelas de guilhotina, das imensas cozinhas, dos móveis pesados de madeira-de-lei, das canastras cheias, das hierarquias sociais com as presenças de escravos, dos grandes cultivos e riquezas do café, e das grandes perdas que as empobreceram. Simbólicas da política do Império e da 1ª República, a República Velha, ligada à cafeicultura, aos titulares do Império e aos fazendeiros e capitalistas. Souvenir é símbolo desse apego.

Dóli de Castro Ferreira

Limiares

Marins, sonho de pedras.
Visto a partir do plano baixo,
Circundado pelas quaresmeiras
Em flor, é contorno majestoso
No veludo da tarde.
Nas matas,
O relicário da luz do pôr-do-sol.
Na montanha, o dourado isolado
/ é epifania.
O manto acetinado
Se acomodou deliciado
Sobre as escarpas,
Em continuo movimento vagaroso
Sorvendo belezas.

Que canções de acalanto
O vento canta nos recôncavos
Dos vales profundos?

Que mistérios são esses
Que os pássaros preludiam
No conforto da maciez das noites?

O chumbo das chuvas
Rebombeia no estrondo dos trovões,
A natureza se reinventa
No canto tardio da cigarra solitária.

Que sombras criativas
São essas que anunciam limiares?
Os cantos noturnos se fazem austeros
E o encanto da passagem é presságio.

Dóli de Castro Ferreira

Fotografia e Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



O Surgimento da fotografia ampliou as possibilidades do homem capturar o tempo e ampliar a sensação de controlá-lo, congelando o instante para a eternidade.

Nos últimos tempos constatamos que boa parte de nossa história é contada através da fotografia. E isso acontece também com nossa cidade, com nosso país e com todo o mundo. A fotografia funciona como uma memória social, capaz de perpetuar momentos, pessoas e locais que nunca mais existirão da mesma forma.

Essas memórias visuais são capazes de resgatar nossa história e, entendendo nosso passado, temos possibilidade de vivermos mais seguramente nosso presente para

construirmos um futuro mais sólido.

Hoje temos inúmeros registros de como era nossa cidade, como as pessoas se vestiam, se comportavam e se relacionavam. Esses registros são arquivados por meios de textos escritos e visuais, como as fotografias, e são as responsáveis por deixar nossas memórias mais vivas. Por isso, O Estafeta, em todas as suas edições reserva um espaço para que seus leitores possam se encantar com nossa história e nossos costumes através da fotografia. Essas imagens vêm sendo digitalizadas e arquivadas, para que no futuro tenhamos parte de nossa memória preservada.



Uma parceria que deu certo...

Fotos arquivo Pro-Memória

No mês em que comemoramos o aniversário da Fábrica é bom lembrar que essa indústria bélica preserva um dos mais significativos fragmentos de floresta atlântica do Vale do Paraíba. São aproximadamente 3. mil hectares que especialistas apontam como um dos mais ricos em biodiversidade na região. A FPV/IMBEL preserva, também, um rico patrimônio arquitetônico de grande valor histórico para o município de Piquete.

A Fundação Christiano Rosa, desde sua instituição em 1997, mantém parceria com a IMBEL/FPV. O que estas instituições têm em comum é a preocupação com a preservação desses patrimônios. Um dos trabalhos fruto dessa parceria foi a criação do Memorial da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, em 2006. Para quem não sabe, a Usina foi o primeiro edifício construído para a Fábrica e estava havia muito desativada. Foi restaurada e nela instalado um memorial. O conjunto fotográfico exposto nesse espaço nos leva de maneira didática a passear pela história da Fábrica. São imagens significativas que contam a visita do Marechal Mallet, atendendo a um convite do Barão da Bocaina, em 1902, para a escolha de um local para edificação de uma fábrica de pólvora sem fumaça; a visita do Marechal Argolo, em 190, quando este determinou o local para construção desta fábrica no vale do rio Sertão; a construção do ramal férreo Lorena – Benfica; o Sanatório Militar no alto da serra, além das imagens dos primeiros funcionários.

Quem visita esse espaço cultural sai enriquecido com o exemplo de civismo e amor ao país demonstrado pelos militares e operários que edificaram essa grande obra.

Outro trabalho feito pela Fundação que conta com o apoio da Fábrica foi o projeto de recuperação de mata ciliar ao longo do ribeirão da Limeira. Esse rio tem suas nascentes na mata da Fábrica e deságua no

Paraíba do Sul, no Campus da USP, junto à ponte do Paraíba. Desde 2007 a Fundação Christiano Rosa, com recursos do FEHIDRO e da AGEVAP vem plantando em suas margens e nascentes. Esse trabalho vem sendo executado por etapas. Já foram plantadas em terrenos da FPV, cortada por esse rio, aproximadamente 28 hectares com 44 mil mudas de mais de 90 espécies da Mata Atlântica. Grande parte das mudas plantadas foram cultivadas com sementes da região.

A preservação da Mata Atlântica visa proteger contra o assoreamento dos rios e nascentes, além de formar corredores para a biodiversidade, recuperá-la nos rios e matas ciliares, conservar o solo, melhorar a qualidade do ar, da água e do solo, manter a harmonia da paisagem e melhorar a qualidade de vida.

Esse projeto é resultado da consciência de que é preciso que tenhamos um olhar cuidadoso com o meio ambiente. A vida do Planeta está sendo destruída pelas mãos dos homens. Estamos sentindo as mudanças climáticas e destruição em todos os cantos da Terra. O aquecimento global, fruto de um enriquecimento desumano está aí com seus tremendos resultados.

Cuidar do meio ambiente é um imperativo que nasce da consciência de que Deus confia Sua criação ao homem, não para que este exerça sobre ele um domínio, mas que a conserve e cuide como um filho que cuida da herança de seu pai.

Com a revegetação recuperada a natureza retribui: na área do Limeira já podemos observar corujas, perdizes, saíras, arapongas, sabiás, seriemas... além de veados, preás, tatus...

Os trabalhos da Fundação Christiano Risa com a IMBEL ao longo do Limeira estão em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade 2011 “Fraternidade e Vida no Planeta” que busca contribuir para conter o aquecimento global.



Crônicas Pitorescas

Mulher...

Palmyro Masiero

Estamos em plena semana da mulher, que teve no dia 8, terça-feira, como homenagem, o seu dia internacional. Concordo que seja internacional. Se existe uma coisa com que não tenho o menor resquício de preconceito é com esse material. Mas, e os outros trezentos e sessenta e quatro dias? No meu calendário particular todo dia é dia da mulher, internacional ou não, recaiando minha preferência pela que está mais próxima de mim.

Tomamos conhecimento de que lá em Belo Horizonte houve uma passeata de machão reivindicando a volta da mulher Amélia. Gosto da música do Ataulfo, mas acho a Amélia uma chata. Quanto à frase inspiradora do movimento “Já não se fazem mulheres como antigamente”, estou em plena concordância. As de agora são muito, muito, muitíssimo melhores.

Pergunto-me: quem sou pra discutir, concordar ou não sobre a participação da mulher em todos os ramos, em todos os setores, se elas próprias assim o desejam? Simone de Beauvoir, feminista do primeiro escalão, não disse que a mulher tem que enfrentar o mundo em igualdade de condições com os homens, por sua própria conta, risco e capacidade? Que seja!

Mas não é sob esse prisma que estou aqui pagando bobeira. Quero falar da mulher como mulher, não como obreira. Não me é possível separar mulher da mulher trabalhando. É impossível decompor: feminilidade pra cá, trabalhadora pra lá. Com ou sem uniforme, pra mim continua sendo o que antigamente designavam sexo frágil. Tem que ser tratada e admirada como se trata e se admira uma flor.

Vinícius disse que na mulher a beleza é fundamental; Tolstoi: “Que estranha ilusão supor que o belo é bom!”. Duas orações, dois pontos de vista. Marco coluna do meio baseado no conhecimento dos mais antigos, que às vezes, por causa de uma cara feia, etc e tal.

Um velho amigo vivia dizendo que mulher feia é palavrão. Bandeirada dele que andava naquela: caiu na rede é peixe. Já outro, mais filosoficamente, compara a mulher feia a empréstimo: resolve o problema no momento. Não me preocupo com quesitos...

Todo poeta que se preza já cantou a mulher em prosa e verso. Como não o sou, vou na base da cantada direta mesmo, que dá mais futuro. Toda vez que assisto à série Kosmos na TV, comparo a imensidão e o grande mistério do universo sideral com o universo palpável que é o corpo de uma mulher. Sei que as feministas mais radicais provavelmente estão pensando que estou tratando a mulher como “objeto de cama e mesa”. Isso entra com 50%. A outra metade fica com o inverso.

Não briguem comigo. Volto a frisar que o meu desejo é que a mulher alcance tudo a que tem direito na sociedade atual, que quebre todos os preconceitos e tabus que se formaram à sua volta, mas, como também já disse, não consigo dissociar a feminilidade de uma empresária, bancária ou banqueira, doutora, motorista, professora, metalúrgica, engenheira, até jogadora de futebol. Não tenho culpa, pô! Sou vidrado pelo sexo oposto, que fazer? Na atual conjuntura, creio até que mereço aplausos, porque a desmunhecação está braba!

Incomoda-me, por exemplo, uma situação acontecida com uma funcionária que chegou ao serviço com o olho roxo, e quando lhe perguntaram a causa, respondeu ser por motivo de força maior. A força maior era do marido, com quem se estapeara. Esse cara, se não foi, deveria ter ido desfilar em B.H.

Estou com Victor Hugo: “...o homem está colocado onde termina a terra; a mulher, onde começa o céu...!” Que habitem o céu da minha vida! Salve, salve, mulherada amada, salve! Todos os dias, todos os anos, toda a vida... Salve!

Amém!

A banda no coreto

Edival da Silva Castro

Quando a Corporação Musical da cidade de Piquete se encontrava em plena atividade, tínhamos, pelo menos uma vez por mês, retreta no coreto da Praça Duque de Caxias. O evento atraía uma multidão de adeptos. As pessoas gostavam de ver e ouvir a banda tocar; as crianças principalmente aglomeravam-se defronte aos músicos, talvez atraídas pelos instrumentos exóticos: trombone, pistão de vara e o tamanho da zabumba.

Sempre aos sábados, com início às 20h, a Praça Duque de Caxias transformava-se num palco cultural. As pessoas dançavam e solfejavam baixinho alguns tradicionais dobrados e aplaudiam quando a banda tocava algum sucesso do “Hit parade” da época.

Bons tempos aqueles: as moças rodavam em torno dos canteiros da pracinha e os rapazes, parados, aguardavam-nas completar a volta para dirigir-lhes uma piscadela ou trocar um sorriso com a paquera.

Certo sábado, a retreta transcorria animada quando, de repente, ouviu-se um som rachado vindo da zabumba. O maestro no mesmo instante interrompeu a música e dirigindo-se ao público falou:

– Pessoal! Infelizmente sofremos um incidente de percurso, o couro da zabumba avariou e não podemos continuar com a programação. Na próxima semana aqui estaremos, se Deus quiser. Tenham uma boa noite.

A ovação foi geral, o pessoal presente ao concerto aplaudiu a atitude explicativa do maestro.

Assim era a banda; além das retretas ela tocava nossos corações.

22 de Março – Dia da Água



Embora o Brasil seja o primeiro país em disponibilidade hídrica em rios do mundo, a poluição e o uso inadequado comprometem esse recurso em várias regiões do país.

Sem água potável, que é o alicerce da vida, a sociedade humana desaparece. Na atualidade, das 203 Nações do mundo, 60 estão em conflito e 36 estão em guerra, por causa da água.

Não podemos descuidar da preservação de nossas nascentes e das práticas de uso que evitem ou, pelo menos reduzam o desperdício.

A disponibilidade e qualidade dos recursos hídricos estão intimamente ligadas às florestas, que protegem as nascentes e mananciais e os mantêm limpos.



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

Deus não fica neutro

Na experiência religiosa do povo da Bíblia, Deus sempre escolhe um lado quando acontecem situações conflituosas entre as pessoas. Isso pode ser percebido já no primeiro livro das Escrituras. O mito ancestral dos irmãos Caim e Abel representa as tensas relações que existiam entre os pobres pastores nômades e os moradores sedentários da Palestina que praticavam a agricultura. A terra havia sido apropriada pelos que nela se fixaram. Os pastores com seus rebanhos ficaram sem espaço para sobreviver e sustentar seus clãs; por isso não reconheciam a posse que os agricultores tinham tomado da terra e invadiam as plantações prejudicando a vida dos estabelecidos na terra. Havia, portanto, um conflito pelo uso da terra, no qual os pastores com sua longa tradição nômade estavam fortemente ameaçados de ser extintos.

O autor do capítulo 4 de Gênesis não hesita em expressar a posição de Deus nesse conflito. *“Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo. Depois de algum tempo, Caim apresentou produtos do solo como oferta a Javé. Abel, por sua vez, ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. Javé gostou de Abel e de sua oferta e não gostou de Caim e da oferta dele. Caim ficou então muito enfurecido e*

andava de cabeça baixa.” Deus toma partido do mais fraco, nos ensina a Bíblia.

O livro do Êxodo que narra a libertação dos escravos hebreus da opressão egípcia, por volta de 1200 anos antes de Cristo, também nos legou a tradição bíblica da parcialidade de Deus pelos pobres e escravizados: *“Quando a cavalaria do Faraó entrou no mar com seus carros e cavaleiros, Javé fez voltar sobre eles as águas do mar, enquanto os filhos de Israel caminhavam a pé enxuto pelo meio do mar (15,19)”*

Os profetas, portadores da Palavra de Deus para o povo, eram ferozes defensores dos pobres e radicais opositores dos poderosos que oprimiam os irmãos e se enriqueciam com a exploração da sociedade. Veja o que diz o profeta Amós às damas de Samaria, mulheres casadas com os que exerciam o poder arbitrariamente: *“Escutem estas palavras, vacas de Basã, que moram no monte de Samaria: vocês que oprimem os fracos, maltratam os necessitados, e dizem a seus maridos: ‘Tragam algo para beber’. O Senhor Javé jura que para vocês há de chegar o dia em que serão carregadas com ganchos e seus filhos em arpões (4, 1).”*

O novo testamento também nos revela

um Deus parcial e inclinado aos mais fracos, e contrário aos poderosos que oprimem os irmãos, roubam, enganam, enriquecem e geram a miséria de muitos.

A Virgem Maria, ao receber a saudação de Isabel, sua parenta, cantou: *“...Ele realiza proezas com seu braço: dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; aos famintos enche de bens e despede os ricos de mãos vazias... (Lc 1,51-53)”*.

A tradição das Escrituras nos ensina que Deus não fica neutro na história, sempre faz opção pelos injustiçados e por suas causas. Assim também devem fazer as pessoas de fé diante de tantas injustiças que acontecem no mundo, precisam ter posições claramente contrárias a tudo o que gera o sofrimento, a exclusão e a pobreza de tantos irmãos e irmãs, como é o caso da corrupção, tão comum em nossa nação, que faz com que recursos que deveriam ser gastos na promoção da cidadania e do bem-estar de toda a população sejam utilizados apenas pelos que exercem o poder e pelos seus aliados.

Conforme nos indica a Bíblia, Deus deve está contrariado por todas estas coisas que temos visto acontecer com tanta frequência. Espero que os cristãos também estejam.

Pe. Fabrício Beckmann

O Exército brasileiro e seus guriatans

“Ninguém está livre de, num piscar de olhos, ver ruir todo o mundo de ilusões e fantasias que criamos e nos agarramos. Ninguém está livre de ter que dar valor às pequenas coisas que, em nossa egocêntrica maneira de viver, ignoramos. Ninguém está livre de finalmente acordar para o mundo real e ver que o carro, a roupa, o cargo, o dinheiro, o perfume, os tratamentos anti-envelhecimento, os cremes, as plásticas, os bens materiais, enfim, tudo isso não fará mais diferença.” (Régis Rösing, 2011)

O Esporte Espetacular, da Rede Globo, apresentou em três domingos seguidos a “Trilogia do Haiti”, reportagem do brilhante Régis Rösing. Foram imagens emocionantes do país que há pouco mais de um ano – em 12 de janeiro de 2010 – foi destruído por um forte terremoto. Por meio da reportagem, puderam-se ouvir relatos de pessoas que caminham sobre corpos soterrados que jamais serão resgatados e vivem em condições desumanas. Soube-se, por exemplo, que bolachas de barro são um dos pratos mais ricos em calorias na dieta de muitos... É impossível descrever as cenas em que uma criança de 10 anos se esforça para correr 6km para cruzar a linha de chegada de uma “maratona”, com a finalidade única de receber bananas, água limpa e um lanche. Pra mim, ver cair a fita resumiu a desesperança desse povo tão sofrido. E... Se não bastassem as tragédias naturais, o Haiti e seu povo são vítimas de um governo

inoperante, incapaz e corrupto – o envio dos recursos captados internacionalmente, que somaram centenas de bilhões de dólares, foi interrompido em função dos desvios que vinham ocorrendo...

O tema principal, porém, não foi a miséria humana e esse foi o ponto forte da reportagem. O que se viu foi um rico documentário sobre as condições do país, mas sem ser apelativo ou piegas. O mote da reportagem foi uma “olimpíada” realizada pelo Exército Brasileiro, que atua na República do Haiti desde julho de 2004, comandando cerca de 7 mil homens da força de paz da Organização das Nações Unidas (ONU), entre eles aproximadamente 1300 soldados de nosso país. As olimpíadas contaram, ainda, com a presença de atletas de elite brasileiros de várias modalidades, que também se emocionaram ao fazer sorrir crianças e adultos que não teriam motivos outros para tal.

Lembro-me de diversas ocasiões em que o governo brasileiro foi fortemente criticado pelo envio de tropas para o Haiti. Uns diziam ser muito altos os gastos para uma missão que não traria retorno para os brasileiros. Outros apontavam que os recursos investidos no Haiti poderiam ser aplicados em armas e equipamentos, mitigando o sucateamento de nossa Defesa. Confesso que cheguei a concordar com esses pensamentos... Mas, se já vinha mudando de opinião ao assistir reportagens sobre o trabalho dos brasileiros, desta vez me

certifiquei de que estamos, sim, sendo muito uteis aos haitianos. E isso deve ser motivo de orgulho... Convenceu-me, principalmente, acreditar que não é possível manipular crianças como as mostradas na reportagem, agradecendo sinceramente o trabalho dos soldados, chamando pelo nome os que os ajudavam, sorrindo ao receberem ensinamentos que nem sabemos ser irão aplicar um dia. É a maior prova de que estamos fazendo a diferença, fazendo nossa parte para ajudar o Haiti e seu povo.

Foi isto que me deixou por três manhãs dominicais esperando a reportagem. Invejei a oportunidade de ajudar seres humanos que não têm esperança alguma; seres humanos que vivem um presente maldito de orfandade, miséria, fome, doenças, violência, sem ter como vislumbrar futuro algum. O único apoio que têm atualmente é do Exército brasileiro, que as faz brincar, sorrir, sonhar acordados por segundos... Esses segundos, significam, ali, uma história, pois toda a dedicação daqueles homens não impedirá, infelizmente, que a vida de muitas daquelas crianças e adultos seja tão ou mais curta que o período de sua missão. Fica, porém, a certeza de que, com a força do carinho de nosso Exército, podem ao menos sobreviver sorrindo. Sendo assim, serão como os guriatans, pássaros que, diz o mito, morrem cantando e, portanto, felizes...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Destorcendo o distorcido

Até 2040, espera-se que o Brasil esteja produzindo 140 milhões de toneladas de soja. Isto porque, nas condições atuais, o nosso país é o único que tem capacidade de atender as necessidades da população mundial.

Dizia Jó: “A vida do homem é uma perpétua guerra”. E completava Davi: “A batalha é contínua; e a vitória, rara”.

Mesmo assim o ser humano não desiste de procriar.

A jornalista Rosane Zakabi, editora da revista Viagem e Turismo, relata suas impressões sobre o curso de noivos em que se matriculou no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Veja São Paulo 8/12/2010, p.50).

Ela e o noivo, mais 24 casais, entre 25 e 28 anos, receberam informações – de médicos, psicólogos e psicanalistas especializados em comportamento – sobre a convivência do dia a dia, a necessidade de diálogo e a eficácia e o grau de segurança de diversos métodos anticoncepcionais.

Boa acolhida tiveram os 3 casais que afirmaram já morar juntos e foi parabenizada a noiva que revelou estar grávida.

Só a Arquidiocese de São Paulo realizou em 2010, em suas 293 igrejas, 8684 uniões.

Somem-se a estas os casamentos realizados em outras religiões ou apenas no civil. É provável que destas uniões nasçam pelo menos 10.000 crianças no ano em curso.

Refletamos: haverá atendimento pré-natal satisfatório? o número de leitos nas maternidades será suficiente? quantos leitos estarão disponíveis em UTIs neonatais? como vão

o banco de sangue e o banco de leite?

Transportemos estas perguntas para a Índia e para a China.

A Índia é menor do que a Região Norte Brasileira. E tem mais de 1,2 bilhão de habitantes.

A China é maior que o Brasil, mas tem regiões inóspitas. Apesar da política do filho único, a população chinesa já ultrapassou 1,4 bilhão.

Além disso, Paquistão e Bangladesh juntos superam os Estados Unidos em população.

Resumindo – pelos dados de 2009 a Ásia ocupa 30% da área do planeta e abriga uma população que corresponde a 60,3% dos habitantes do mundo em que vivemos.

Na China, o segundo filho não existe para o Estado. Não recebe cartão de alimentação e, quando crescer, fatalmente terá de emigrar.

Em pleno século XXI, a mortalidade infantil em muitos países ainda assusta.

Quais seriam as respostas àquelas perguntinhas óbvias que fiz à cidade de São Paulo, se fossem endereçadas aos 12 países do Sahel africano? É justo que crianças nasçam para adubar cemitérios?

Os quatro pilares da Organização das Nações Unidas – ONU – são: democracia, direitos humanos, segurança e desenvolvimento.

Sabemos que a ONU é fruto da paz conquistada a duras penas, com sacrifício de cidades inteiras, com o aniquilamento de muitos países.

Não se trata aqui da guerra de Jó e Davi,

que significa a labuta diária contra as próprias fraquezas, contra a cobiça humana; a faina incansável para produzir o pão, quando os próprios elementos da natureza são forças adversárias.

Guerra aqui é manifestação da prepotência que reduz populações inteiras à miséria, reduz o ser humano em sua dignidade – já não vive, apenas sobrevive; já não luta, entrega-se à submissão.

Com a fome, a sede e a doença os pilares da ONU serão abalados.

Democracia é a liberdade de sentar-se, mesmo no chão, como fazem os índios – para decidir os destinos da comunidade.

Os principais direitos humanos são o de comer, o de ter saúde, o de poder ir e vir, e o de vestir-se e abrigar-se com dignidade.

Segurança é saber que a criança que acabou de dar o grito de guerra vai ter uma infância e uma juventude amparadas.

Desenvolvimento é a tranquilidade de analisar as conquistas da comunidade e procurar acrescentar melhorias para o bem de todos.

As populações do Sahel não sonham com a sofisticação de um curso de noivos ou de uma UTI neonatal.

E todo o povo brasileiro – já pode amparar-se nos pilares da ONU?

Atualmente estamos produzindo 70 milhões de toneladas de soja.

Temos terra, água e tecnologia para produzir 140 milhões em 2040.

Para quê? Para quem?

Vamos começar a decidir hoje.

Abigayl Lea da Silva

Criada para a defesa do Brasil, a FPV aniversaria

Neste mês de março, comemoramos mais um aniversário da Fábrica Presidente Vargas.

O aspecto atual desse Estabelecimento pouco lembra os lineamentos de estrutura original assentada na primeira década do século XX. De poucas dezenas de edifícios construídos numa área limitada da extensa gleba de três fazendas reunidas nasceram centenas de outros grandes conjuntos de alvenaria, para abrigar outras tantas instalações que vieram completar e enriquecer a

primitiva aparelhagem da então Fábrica de Pólvora sem Fumaça.

O extraordinário progresso da Fábrica, a rápida sequência da montagem e funcionamento de novas linhas de produção e o frequente aperfeiçoamento dos produtos manufaturados ao longo dos anos exprimem uma constante visão administrativa e um senso do dever excepcionalmente notáveis. O roteiro das direções passadas e dos quadros de pessoal das muitas gera-

ções que nela consumiram suas energias ficou indelével nas inúmeras realizações que entusiasmaram e orgulham a todos.

Ao longo de sua história seus administradores souberam prever a necessidade de ampliar e desenvolver os meios de produção a seu cargo a fim de que as Forças Armadas pudessem dispor de farto municiamento.

Conhecer a história da Fábrica desde os primórdios de sua construção até os dias de hoje nos enche de orgulho.

